

RESENHAS CRÍTICAS

Maria do Socorro Silva de Aragão. *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa, FUNESC, 1990, 248 pp.

O presente trabalho da conhecida e operosa professora da Universidade Federal da Paraíba integra pesquisa maior, em que está envolvido um grupo de professores/pesquisadores e estudantes da referida instituição de ensino superior, intitulada "Aspectos léxico-semânticos da linguagem regional na obra de José Lins do Rego", cuja preocupação é fazer um "re-conhecimento da realidade paraibana através das obras desse grande escritor" já que revelam "retrato bem real do nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, seu modo de viver, pensar e agir dentro do seu universo antropo-cultural" (p.19).

Primeiro resultado concreto da pesquisa maior, o presente glossário levantado pela Profª Maria do Socorro pretende "não apenas registrar os termos e expressões regionais/populares encontrados nas obras de ficção do autor, mas torná-los o mais claro possível no sentido de facilitar sua compreensão pelo leitor não lingüista ou literato, de outras regiões do país ou países de língua estrangeira" (p. 19-20). Pelas declarações da autora, vê-se que o trabalho não se restringe a uma pesquisa para técnicos, mas intenta ser um auxiliar ao leitor comum que deseje aproximar-se da obra do notável romancista paraibano. Declara a autora que o trabalho tem ainda por objetivo "a divulgação da obra de José Lins do Rego e, ainda, a difusão, a nível do ensino médio e do grande público, da linguagem por ele usada e a valorização dos aspectos regionais da língua e cultura paraibanas" (p.20).

Esta perspectiva de natureza didático-pedagógica justifica os motivos por que a Profª Maria do Socorro não pretendeu circunscrever-se aos termos e expressões regionais/populares exclusivos da Paraíba ou, mais extensamente, do falar nordestino. Todavia a tarefa dessa limitação seria muito proveitosa – e temos certeza de que está no programa da competente equipe da Universidade Federal da Paraíba – para um melhor conhecimento do léxico do português do Brasil e de suas relações com outras regiões do país, com Portugal e com os demais países integrantes do mundo lusofônico. Seria também proveitoso que, em trabalhos desta natureza sobre romances regionais, se distinguissem o léxico da língua comum – em geral o do narrador – e o dos personagens que, mais ligados ao ambiente sociocultural em que se passa a história, melhor reflete o falar local. Na organização dos verbetes optou a A. pela entrada das expressões por inteiro e não pela palavra-chave; para comodidade de consulta do leitor, seria interessante que, em próxima edição, se faça um índice com base nas palavras-chave. Assim, por exemplo, o consulente poderá fixar o significado de elementos como **passarinha** ("não bater a passarinha" e "tocar a passarinha") de **seu/meu** ("E o dono de tudo aquilo, de seu, na rede, se balançando" BAN p. 122), ("Me arrebentei numa sessão de Beberibe e estou bom de meu" MOL p. 89), ("...atrás de carrapatos dos bois, que se deixavam catar tranqüilos, satisfeitos de seus... " BAN p. 98).

Acerca da expressão **de seu**, estudada a páginas 93 com o significado de 'despreocupadamente', 'à vontade', no trecho "E o dono de tudo aquilo, **de seu**, na rede, se balançando" (*Bangüê*, p. 122), acredito ser a continuação do português **de seu**, de longa data no idioma, equivalente a 'ter bens próprios', registrado na *Sintaxe histórica*

de Epifânio Dias, p.76 e 138 da 2ª ed. Já em "...atrás de carrapatos dos bois, que se deixavam catar tranqüilos, satisfeitos de seus..." (*Bangüê*, p.98) e em "Me arrebentei numa sessão de Beberibe e estou bom de meu" (*Moleque Ricardo*, p. 89), estudados nas páginas 188 e 105, respectivamente, do Glossário, com o significado de 'inteiramente satisfeito', 'bem à vontade', 'despreocupadamente' (para o 1ª exemplo) e 'estar muito bem', 'em ótimas condições físicas' (para o 2ª) não devem estar nas mesmas condições da expressão de seu que vimos na página 98 de *Bangüê*, mas acredito pertencer à locução de seu (meu) vagar – quase sempre empregado com vagar subentendido –, que o velho e extraordinário Moraes registra como equivalente a 'descansado'. Curiosamente também vejo no glossário que acompanha a 10ª ed. de *Bagaceira*, de José Américo de Almeida, de meu, ficar de seu com o valor de 'à vontade', 'indiferente', valor que não combina com de seu em: "Nada tinham de seu: só possuíam, como costumavam dizer, a roupa do corpo" (p. 78).

Os romances de José Lins do Rego foram utilizados segundo edições modernas, conforme assinala a A. nas páginas 21 e 22 da obra; a consulta às primeiras edições acredito fosse interessante para deixar registrada uma ou outra particularidade de linguagem. Assim, por exemplo, em relação a fruta-pão vejo que o Glossário traz o substantivo no gênero feminino ("Saímos andando por debaixo dos jambeiros, das frutas-pão enormes", *Bangüê*, p. 118); porém, na 1ª edição, p. 113, a mesma passagem traz o substantivo como masculino. Seria interessante investigar o caso, já que o grande conhecedor da língua portuguesa e, particularmente, do português do Nordeste, o saudoso filólogo cearense Martinz de Aguiar, registra que, embora o correto seja o feminino, o povo e os letrados cearenses falando despreocupadamente usam o masculino (*Notas de português de Filinto e Odorico*, p. 160). O fato não será, com certeza, exclusivo do Ceará. Deveu-se a transformação ao próprio José Lins ou foi obra de seus revisores? Eis uma questão a que os colegas da Paraíba têm toda a competência e documentação para responder. Outro caso parecido se dá com *têmpera* 'melaço no ponto de ser transformado em rapadura', aparece na 1ª ed. *tempra* (p. 99).

A nomenclatura específica da vida e da atividade do engenho é exemplificada amiúde nos romances de José Lins; quase tudo está registrado no Glossário e seria natural que faltasse um ou outro termo nesse léxico exuberante. Lembro aqui fogo 'engenho', **fogo morto** 'o engenho que parou de produzir açúcar', **pão, eito, planta**.

Sinto falta no Glossário dos seguintes verbetes colhidos numa releitura de *Bangüê* (cito a 1ª ed.): **carbúnculo** (p. 114), **riso chinês** (p. 217), **ciganagem** (p. 153), **correspondentes** (p. 152, 186), **corte grande** (p. 127), **de muito longe** (p. 122), **estar na ponta** [da rua] (p. 163, 164), **fazer ciranda** (p. 129), **fugir** 'deixar a bagaceira' (p.119), **maginar** (p. 165), **marquesão** (p. 152), **macaquinho do sótão** (p. 150), **dar mediana** (p. 183), **negócio** "mot passepartout" (p. 130), **parecido** (p. 145), **planta** 'primeira produção de cana' (p. 190), **solicitada** (p. 179), **cercado de solta** (p. 137), **sulipa** (p. 127).

A lista de ausências não diminui o valor da obra. O pesquisador do léxico português tem muito que joear e aprender na leitura dessa contribuição chegada a bom termo pelo trabalho tenaz da competente professora de Universidade Federal da Paraíba.

Evanildo Bechara
